



RESENHA DE

FREITAG, Raquel. **Não existe linguagem neutra!** – Gênero na sociedade e na gramática do português brasileiro. São Paulo: Contexto, 2024.

Athirson Fernandes dos Santos Menezes¹

A autora da obra, Raquel Meister Ko Freitag, é professora titular do Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal de Sergipe, com atuação no Programa de Pós-Graduação em Letras e no Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Graduada em Letras, é mestre e doutora em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina, além de integrar o Conselho Deliberativo de Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPQ.

Freitag é autora de diversas obras. As mais recentes são **Variação linguística** (2025) e **Não existe linguagem neutra!** (2024), que é o objeto desta resenha.

Contendo 158 páginas e cinco capítulos, o livro foi publicado em abril de 2024, pela Editora Contexto. Ao relacionar o sistema linguístico ao uso social, a obra analisa criticamente a ideia de uma linguagem neutra de gênero no português brasileiro, mostrando que toda forma de linguagem está inevitavelmente inserida em contextos sociais, históricos e ideológicos. A obra ainda defende que a língua é dinâmica e moldada por seus falantes, refletindo mudanças sociais e demandas por reconhecimento, de modo que qualquer escolha linguística envolve um posicionamento e gera efeitos sociais, questionando a ideia de neutralidade absoluta e evidenciando que a linguagem não é apenas um conjunto de regras formais, mas uma prática social atravessada por valores, disputas e relações de poder. O objetivo da obra é evidenciar ao leitor que escolhas linguísticas não são neutras: refletem valores, hierarquias e disputas simbólicas, além de que a língua é mutável e moldada por seus usuários, acompanhando mudanças sociais e busca por valorização.

O primeiro capítulo, "A percepção das regras da língua", apresenta a forma como as regras da língua são interpretadas, reconhecidas e transmitidas dentro de uma comunidade linguística e discute como elas não são neutras nem naturais, mas construções sociais situadas historicamente. A autora destaca que os falantes internalizam padrões linguísticos não apenas por meio da gramática normativa, mas principalmente pela convivência social, compartilhadas

¹ Aluno da Licenciatura em Letra/Português da Universidade Federal de Sergipe. ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-7103-4037> E-mail: athirson@academico.ufs.br



no uso cotidiano, aprendendo o que soa adequado, aceitável ou legítimo e, nesse contexto, problematiza especialmente a ideia do masculino como gênero não marcado, argumentando que essa suposta neutralidade é, na verdade, uma convenção histórica que reflete hierarquias sociais. Freitag defende que a língua, longe de ser neutra, incorpora valores, ideologias e disputas presentes na sociedade. Com uma escrita clara e didática, o capítulo cumpre o papel de base teórica para o restante da obra, evidenciando que discussões sobre linguagem neutra não são meramente gramaticais, mas profundamente sociais e políticas. Assim, a autora convida o leitor a questionar a aparente naturalidade das normas linguísticas e a compreender a língua como espaço de disputa, identidade e transformação social.

O segundo capítulo, "Gênero na sociedade e na língua", mostra a ligação intrínseca entre língua e sociedade e explora como a ideia de gênero está profundamente entrelaçada com ambas, mostrando que não existe neutralidade – social ou linguística – nesse campo. A pesquisadora discute como conceitos de gênero, que vão além da diferença biológica entre sexos, moldam práticas sociais, expectativas culturais e identidades individuais, sendo constantemente reproduzidos e reforçados através da língua. Ao analisar o masculino genérico e outras formas linguísticas que invisibilizam mulheres e grupos não normativos, Freitag argumenta que o suposto “neutro” linguístico frequentemente naturaliza desigualdades históricas e culturais, consolidando hierarquias de gênero. Ela enfatiza que a linguagem não é apenas um sistema formal, mas um espaço de conflito social, em que escolhas linguísticas – desde palavras e pronomes até estruturas morfológicas – funcionam como marcadores simbólicos de poder e expressam valores culturais e níveis sociais. Nesse contexto, o código verbal se torna um espaço de disputa, onde diferentes grupos buscam reconhecimento, representação e visibilidade. Sob essa perspectiva, o capítulo vai além da crítica da ideia de neutralidade linguística e estimula a reflexão sobre como intervenções conscientes na linguagem podem questionar padrões normativos e promover maior inclusão coletiva, demonstrando que a gramática e o uso da língua estão profundamente entrelaçados com processos culturais e políticos.

O terceiro capítulo, "Gênero na tradicional gramática", traz uma análise perspicaz e crítica sobre a relação entre gramática e ideologia de gênero no português, examinando como a categoria de gênero foi construída e incorporada à tradição gramatical ocidental, desde as descrições do latim até sua consolidação nas gramáticas do português brasileiro. A autora demonstra com clareza que o sistema gramatical tradicional organiza palavras em categorias binárias (masculino/feminino), evidenciando que, dentro dessa estrutura tradicional, há pouco



espaço para qualquer forma de neutralidade gramatical. Ademais, demonstra ainda que o tratamento do gênero não é imutável, mas resultado de heranças teóricas da gramática latina, que estruturava o sistema em masculino, feminino e neutro. Ao ser transposto para o português – língua que não preservou formalmente o neutro latino –, esse modelo foi reinterpretado e adaptado. Sob essa ótica, Freitag analisa como as gramáticas tradicionais brasileiras reproduzem essa herança, frequentemente apresentando o masculino como universal ou genérico, o que revela a continuidade de bases históricas e que, muitas vezes, elas permanecem implícitas. Diante disso, o capítulo se destaca por ressaltar a noção de gênero gramatical, que, tal como ensinada normativamente, é fruto de escolhas teóricas e tradições descritivas, e não mero reflexo direto da estrutura “natural” da língua. Com uma análise sólida e bem fundamentada, a autora enriquece o debate ao deslocá-lo do campo exclusivamente normativo para uma perspectiva histórica e crítica.

O quarto capítulo, "Mudanças na sociedade, mudanças na língua", analisa as questões relativas à mudança linguística a partir da teoria da variação e da mudança, considerando as diferentes direções dos movimentos de linguagem não sexista, inclusiva e neutra. Freitag discute como as transformações sociais influenciam e impulsionam mudanças na língua, especialmente no que se refere às formas de expressão de gênero. Ela parte da perspectiva sociolinguística de que a língua não está isolada da sociedade; ao contrário, é um espelho dessas modificações sociais. Os padrões linguísticos expressam valores, percepções e estruturas sociais e, portanto, mudam quando esses elementos sociais também mudam. A autora argumenta que fenômenos como a chamada “linguagem neutra” surgem exatamente porque há movimentos sociais que questionam as normas dominantes de gênero e buscam representatividade. Nesse sentido, a linguagem não apenas reflete as mudanças na sociedade, mas configura-se como campo de disputa simbólica, no qual diferentes grupos sociais reivindicam reconhecimento e inclusão. Assim, o capítulo oferece uma reflexão crítica sobre a articulação entre língua e corpo social, mostrando que a gramática e normas linguísticas mudam justamente em função do uso social: quando novos usos se tornam frequentes em comunidades de falantes e os valores sociais mudam, a língua se adapta, mesmo que de maneira gradual.

O capítulo cinco, "Linguagem neutra?", defende a importância de um posicionamento claro e ativo por parte de quem atua na linguística e propõe uma avaliação reflexiva sobre a noção de neutralidade aplicada tanto à língua quanto à própria ciência linguística. A escritora problematiza o conceito de "linguagem neutra", argumentando que o termo é ambíguo: pode



significar algo que não marca gênero ou algo que não se importa com os sistemas de gênero existentes, e essa ambiguidade abre espaço para interpretações ideológicas diversas. Portanto, chamar determinadas formas de “neutras” não as torna desprovidas de posição social ou valor político. Freitag ressalta que a ciência busca objetividade, mas os cientistas (inclusive linguistas) não estão isentos de relações com valores, contextos sociais e políticas linguísticas. Dessa maneira, a postura da linguística frente à discussão de gênero não pode ser neutra, mas precisa ser crítica e consciente de suas premissas. O capítulo ainda explora como a discussão sobre linguagem “neutra” tem impacto fora da academia, especialmente na escola e em debates legislativos. A autora considera que essas discussões influenciam diretamente a forma como se pensa a educação linguística e a inclusão de diferentes perspectivas no currículo escolar. Com um estilo claro e direto, Freitag conclui que falar de linguagem neutra requer uma análise profunda sobre o que se entende por neutralidade, pois nada é neutro quando se trata de gênero – nem a língua, nem os falantes, nem as instituições sociais. Para ela, o foco não deve ser a busca por uma língua neutra, mas a compreensão crítica de como as escolhas linguísticas participam da construção e da disputa de significados sobre gênero na sociedade.

Em suma, trata-se de uma obra acessível, com uma linguagem consistente, que cumpre o papel de provocar reflexão sobre o poder das palavras e a influência da linguagem na construção das relações sociais. Somado a isso, Freitag constata que cada palavra carrega consigo escolhas ideológicas, culturais e políticas, desafiando a ideia de neutralidade e nos lembrando que falar é, sempre, um ato que influencia e posiciona. Assim, a obra **Não existe linguagem neutra!** torna-se uma leitura essencial para quem deseja compreender o papel da linguagem na construção do corpo social e assumir uma postura consciente, responsável e inclusiva em suas interações cotidianas.

Submissão em 20/02/2026

Aprovação em 25/06/2026